

Terê



Leonardo Castro

Ilustração Larissa Morais

À Tetê

Por sempre me reconectar às minhas artes

Terê

Foi no aniversário de seis anos em que se sentiu poderosa. Terê tinha uma autoestima baixa para uma criança, e isso ainda perduraria por muitos anos em sua vida. Mas não foi nisso que se sentiu poderosa.

Ela descobriu poderes.

No dia de seu aniversário, Terê acordou mais disposta, após ter passado poucos dias gripada. Seus pais haviam dito que não teria uma festa grande de comemoração, mas que ela poderia convidar alguns poucos colegas da escola para comer bolo e salgadinhos em sua casa. Como um dia qualquer, ela levantou da cama, esfregou seus olhos e se espreguiçou. Ela tinha preguiça de escovar os dentes, mas odiava ainda mais o mau hálito matinal ao acordar. Foi ao banheiro, pegou sua escova de dente rosa, pôs creme dental e iniciou sua escovação, lembrando de todos os passos que aprendeu na escola para uma boa higiene dentária.

O primeiro passo consiste em escovar os dentes com eles cerrados, em movimentos circulares. Terê sempre precisava da ajuda do espelho nesse passo. Ao olhar no espelho, cerrou seus dentes forçando um sorriso infantil e dirigiu sua escova de dente verde à boca.

“Espera”, pensou sua pequena mente em formação. Terê não reconheceu sua escova de dente habitual. Olhou de volta para o pote em cima da pia e não viu nenhuma escova. Aquela era a sua, mas havia mudado de cor. Ela olhou fixamente para sua escova verde, sentindo uma leve saudade da cor rosa.

Terê sentiu um arrepio em seus braços, e precisou esfregar os olhos novamente após perceber que sua escova havia retornado à cor original.

Ao longo de suas dezesseis horas restantes de seu aniversário, ela fez questão de mudar as cores de todos os objetos de seu quarto, da sala, da cozinha, do carro do seu pai e da caneca favorita de sua mãe. Naquele dezoito de abril, a casa de Terê tornou-se uma confusão de cores. Seus pais se assustaram na primeira mudança de coloração. Entretanto, depois da quinquagésima oitava, só queriam colocar a garotinha de castigo.

Para o alívio dos pais, as cores voltaram ao normal no dia seguinte. Para a tristeza de Terê, seus poderes também foram embora.

Em todos os aniversários vindouros acontecia o mesmo. Terê acordava se sentindo poderosa e descobria alguma habilidade nova. No aniversário de dez anos, ela conseguiu deixar a família inteira preocupada por não encontrá-la, pois descobriu que conseguia ficar invisível. Aproveitou o super poder para cutucar a orelha dos primos e pegar doce das Lojas Americanas.

Conforme Terê foi crescendo, sua mente cada vez mais formada foi querendo compreender a fonte de seus poderes, e por que apenas apareciam em seus aniversários. Porém, nem seus pais e nem seus avós faziam ideia alguma. Diziam que poderia ser algo de seus tataravós, ou de Deus, ou de signo. Isso tudo fez a garota amar completamente os seus aniversários. Era sempre uma expectativa fervorosa quando chegava próximo à data, pois queria muito experimentar sua habilidade nova, mesmo que por apenas vinte e quatro horas (ou menos, se ela acordasse tarde).

Quando chegou aos vinte anos, também chegou à vida adulta. Responsabilidades, faculdade, sonhos, ansiedade, boletos. Terê compreendeu que a vida adulta chega para todos. Ela sabia que nisso ela não era especial. Com o lento passar dos anos durante essa fase, seus aniversários ainda tinham muita expectativa envolvida, com o mesmo carinho, porém seus poderes eram cada vez menos utilizados. Aos vinte e um anos, ela comemorou seu aniversário em uma boate com os amigos, e precisou ficar controlando o tempo todo seu poder temporário de acender uma pequena bola de fogo em suas mãos.

Contudo, ela amava se sentir poderosa. Em todo dezoito de abril, ela já acordava com disposição para mudar o mundo, mover montanhas ou correr uma maratona. Depois dos vinte e três anos, o único poder que ela desejava era ter esse sentimento todos os dias.

No seu aniversário de vinte e cinco anos, Terê estava bastante atarefada com seu trabalho. Mal conseguiu notar que o seu poder do dia era uma visão de raio-x. Recebeu felicitações dos seus amigos, recebeu presentes, recebeu abraços de seus familiares enquanto estava de *home office* finalizando prazos, sentindo-se extremamente disposta e poderosa. No fim do dia, conseguiu terminá-los e decidiu que merecia tomar um açaí.

Comprou seu açaí habitual, sem nenhuma novidade nos sabores. No caminho de volta, notou uma criança vindo na sua direção. Ela aparentava ter seis anos, com roupas sujas e rasgadas. Não conseguia ver se os pais estavam ao longe observando. A criança olhou para Terê, juntou suas pequenas mãos e pediu dinheiro, alegando que era seu aniversário. Terê pausou sua colherada de açaí, buscou em seus bolsos algumas moedas e as entregou.

Enquanto olhava para os olhos da criança, em sua mente já formada brilhou uma ideia. A criança já estava caminhando de volta quando Terê a chamou e tocou em sua testa, fechando os olhos rapidamente. Tudo o que sentiu foi um arrepio em seus braços. Ao abrir os olhos, viu um sorriso infantil genuíno, com lágrimas nos olhos. Ela apenas ouviu um “Obrigado, tia!”, e viu a criança sair pulando.

Foi no aniversário de vinte e seis anos em que se sentiu completa. Terê recebeu café na cama, abraços e presentes. Ela ficou tão feliz que mal percebeu que não tinha mais nenhum poder novo.

E em algum lugar na sua cidade, uma casa amanheceu com uma confusão de cores.